

novembro 1997
ano 2
edição meses letivos

A participação da Faupuccamp na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

oculum@uninet.com.br

O boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Faupuccamp. As opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola. Matérias podem ser republicadas desde que mencionada a fonte.

Editor responsável
Abílio Guerra

Correspondentes
Affonso Orciuolo *Espanha*
Cristina Mehrrens *EUA*
Eduardo Aquino *Canadá*
Fernando Carrion *Ecuador*
Fernando Viviescas *Colômbia*
Marcos Tognon *Itália*
M. Pilar P. Pineyro *Uruguai*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Dzioli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores
André Kaplan
Diego Wisnivesky
Flávio Arancibia Coddou
Tatiana Alarcon
Vagner L.J. Monteiro

Faupuccamp
Diretor
Wilson Ribeiro dos Santos Jr.
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo Marques de Azevedo

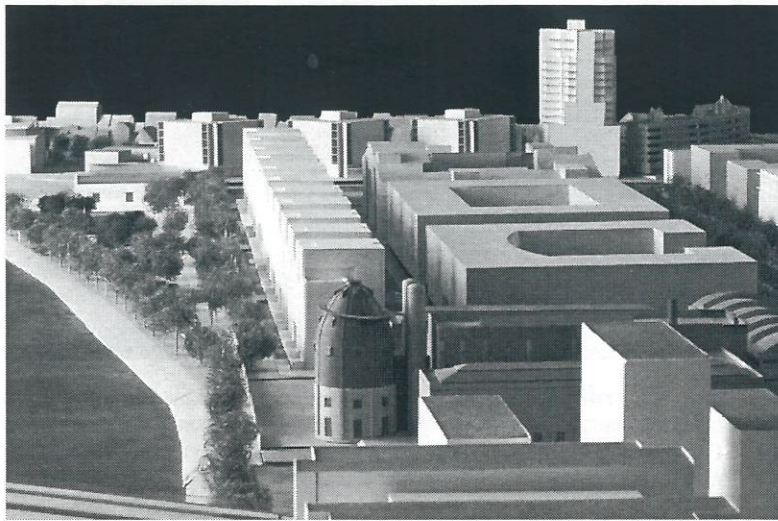
Centro de Apoio Didático
Campus I
Rod. D. Pedro I - Km 136
13089-500 Campinas SP
Brasil
fone 55-019-754.7156
fax 55-019-255.6376
cad@fau.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum, tiragem de 5000 exemplares.
Distribuição gratuita.

Óculum na Internet
webarch-mag.com

Faupuccamp na Internet
www.fau.puccamp.br



Grande maquete do projeto Cêramique em Maastricht, Holanda. Sala Especial de Jo Coenen na 3ª BIA

A Faupuccamp está tendo destacada participação na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.

No dia 11 de novembro, o arquiteto holandês Jo Coenen, que conta com sala especial com apoio da revista Óculum, proferiu palestra sobre sua obra. No dia seguinte esteve em Campinas para outra palestra para professores e alunos da Faupuccamp. No dia 14 de novembro, Samuel Kruchin, professor do departamento de Projeto e da pós-graduação, foi premiado pelo Júri da Exposição Geral dos Arquitetos, na categoria "patrimônio histórico" com o projeto da EEPG Barão de Monte Santo em Mococa. No dia 20 de novembro, às 15h30, Sophia S. Telles, professora do departamento de Fundamentos Teóricos, participará do debate "Informação, posição, reflexão. Recortes editoriais: entre a informação total e a reflexão aberta e criativa", com Antonio Carlos Sant'Anna (Projeto, moderador), Alfonso Corona-Martinez (Summa+, Argentina) e Hugo Segawa (Usp São Carlos). No mesmo dia 20, às 17h30, Abílio Guerra, editor da revista Óculum e professor do departamento de Fundamentos Teóricos, será o moderador do debate "Para quem? O papel didático. As publicações como parte imprescindível da formação e do ensino", com Iñaki Ábalos (revista Exit, Espanha), Vicente del Rio (UFRJ, Brasil) e Carlos Eduardo Comas (UFRGS, Brasil).

Lançamento da Óculum 10-11

No dia 24 de novembro, às 19h, será lançado no espaço do autor da Bienal o número especial da Óculum sobre o Projeto Cêramique de Jo Coenen. Número duplo, colorido, a Óculum 10-11 apresentará o projeto urbanístico e os projetos arquitetônicos dos diversos arquitetos envolvidos: Aldo Rossi, Álvaro Siza, Mario Botta, Aurelio Galfetti, Luigi Snozzi, Martorel, Bohigas e Mackay, entre outros. No dia 24 de novembro, às 18h30, a arquiteta Raquel Rolnik, professora do departamento de Planejamento e da pós-graduação, participará do debate "O Plano Diretor de São Paulo", com Heloisa Proença e Luiz Carlos Costa. No dia 25 de novembro, às 17h, Ricardo Marques de Azevedo, professor dos departamentos de Projeto e Fundamentos Teóricos e da Pós-graduação, participará do debate "Metrópole: centro e periferia", com Regina Meyer e Erminia Maricato. Dentre os professores do departamento de Projeto, apresentam trabalhos Antonio Fernandes Panizza e Alexandre Panizza (com participação de Marco Antonio Bedin, ex-aluno), e Joaquim Caetano de Lima Filho. Representando a Faupuccamp no "Concurso das Escolas de Arquitetura" temos o trabalho dos alunos Aylton Vianna, Caio de Souza Ferreira, Daniel Ghillardi e Fábio Rogê Caroni.

Abertas vagas na Pós-graduação da Faupuccamp

pet@zeus.puccamp.br

O "Mestrado em Urbanismo" da define a cidade como objeto de investigação privilegiado com suas linhas de pesquisa voltadas à investigação: da história das cidades e dos seus processos constitutivos; da construção da cidade como objeto artístico; da gestão do espaço e da sua dimensão política; e, dos projetos urbanos, objetos de transformações do espaço construído. Turma 1988: inscrições até 1 de dezembro.

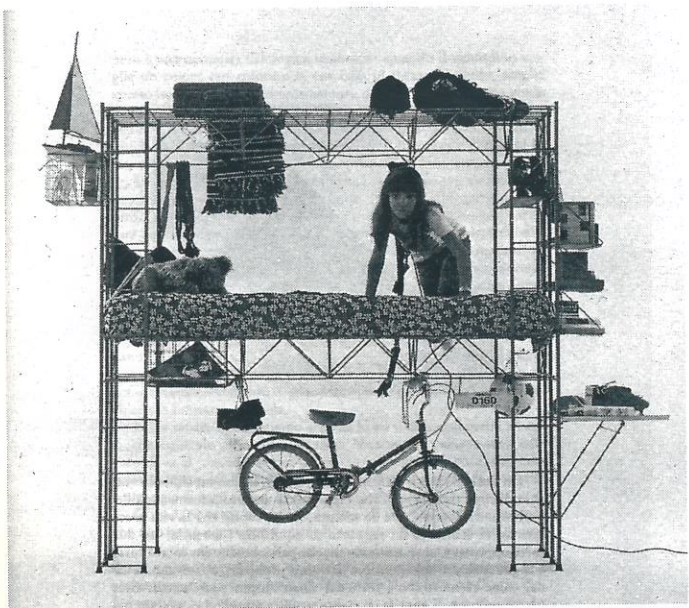
O Curso de Especialização em "Desenho e Gestão do Território Municipal" leva em conta que as áreas de planejamento urbano e gestão municipal passam importante redefinição de estratégias, paradigmas e métodos. O curso se propõe a formar e atualizar os profissionais que atuam na gestão urbanística dos municípios, mobilizando professores com vasta experiência teórica e prática e propiciando um espaço de supervisão e debates dos projetos que estão sendo desenvolvidos pelo profissional nos seus respectivos municípios. Turma 1988: inscrições até 5 de dezembro.

O Curso de Especialização em "Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto" objetiva a qualificação técnica e teórica de profissionais, arquitetos, engenheiros, historiadores, geógrafos, entre outros, para que possam atender de forma criteriosa e consistente a expressiva demanda de projetos e obras neste segmento, garantindo a preservação da memória histórica e das identidades específicas a ela conformadas. Turma 1988: inscrições até 5 de dezembro.

O Curso de Especialização "Urbanismo Moderno e Contemporâneo" possibilita o aprofundamento da história da urbanística moderna, oferecendo a arquitetos e graduados de outras áreas -sociólogos, historiadores, comunicólogos, engenheiros- um quadro consistente de questões sobre a cidade atual, de seu urbanismo e dos projetos e intervenções contemporâneos. Turma 1988: inscrições até 5 de dezembro.

Informações Secretaria da Pós-graduação da Faupuccamp, com Andreza. Campus I, Prédio H11, Rod. D. Pedro I, km 136, 13020-904 Campinas, fon 019 255.6376, pet@zeus.puccamp.br

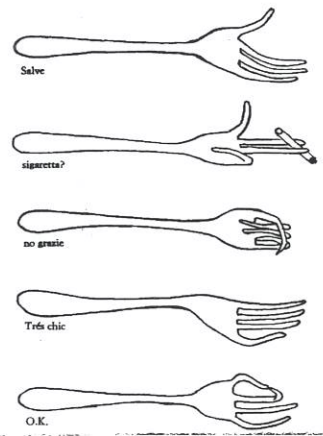
Parabéns Bruno Munari
 Marcos Tognon
 tognon@sabsns.sns.it



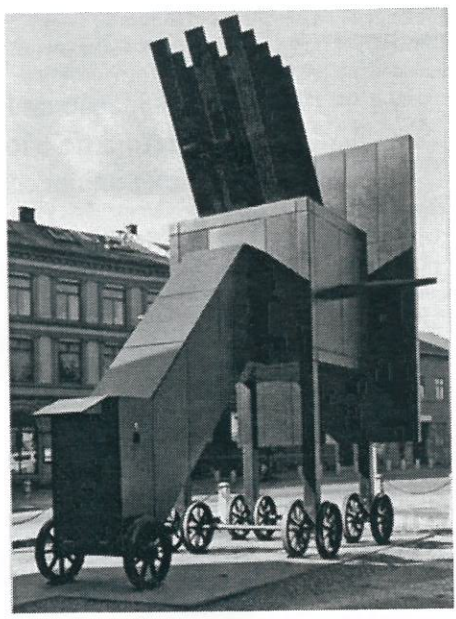
O último dos futuristas completa 90 anos: para quem nasceu em Milão, cidade capital dos movimentos de vanguarda na Itália, e, justo no ano do "Manifesto Futurista" de Marinetti 1, certos percursos biográficos já seriam quase obrigatórios. Nascer em 1909, falamos sempre do contexto italiano, significava para uma biografia como a de Munari, atingir a maturidade já em pleno período fascista, e, assistir uma série de protagonistas, de tendências, em um contexto heterogêneo e não menos estimulante: basta lembrar, entre 1922 e 1936, certos títulos de revistas ("Architettura e arti decorative" de Marcello Piacentini e Gustavo Giovannoni, "La Casa Bella" e depois "Casabella" com Giuseppe Pagano e Edoardo Persico, "Domus" de Gio Ponti, "Dedalo" de Ugo Ojetti, "Quadrante" do nosso P.M.Bardi, "La città nuova" com Fillia), certas exposições periódicas (Trienal de Monza e depois de Milão, Quadrienal de Roma) ou grupos (os "arquitetos racionalistas", a "Scuola romana", os "futuristas de Turim", a "Galleria Milione"). E, para o nosso homenagem hoje, particularmente, citamos os futuristas da "segunda geração" ou, como já fora proposto antes, o "Segundo futurismo" (2). Bruno Munari, então com vinte anos, oficializa o seu uniforme de futurista participando da mostra dos "Trentatre pittori" na Galeria Pesaro, ao lado de Depero, Prampolini ... Um contexto efervescente de idéias, um segundo Futurismo que agora se estrutura em propostas efetivas para a aplicação dos "ganhos" da arte no mundo cotidiano: a colagem, a pluri-expressão artística através de cores, sons, instalações, do casamento entre a abstração e a figuração publicitária, comunicativa, e se quisermos em léxico atual, lemos mídia. Bruno Munari se dedicou com muita originalidade à programação visual, à didática (3), à experimentação sobretudo: máquinas "sem função" como aquelas criadas nos anos entre

guerras, a "gráfica lúdica" para as crianças no pós-guerra, os objetos simplesmente "óticos" dos anos Cinquenta. Mas temos uma luminária, uma máquina de café, uma cama infantil, ou melhor, um móvel-instalação definido "Abitacolo"; um currículo digno de designer milanês, e dentro da histórica e célebre fase do desenho industrial italiano dos anos 70 (4). Parabéns Bruno Munari, último futurista, vivíssimo em seu ímpeto criativo sempre associado à ironia, à brincadeira, à uma especial contracultura que não nos nega uma resposta, mesmo que embaraçante: como seria servir-se com certos talheres "falantes", em um jantar de aniversário?

Notas
 (1) Filippo Tommaso Marinetti, "Le Futurisme", in «Le Figaro», Paris 11 de Fevereiro de 1909.
 (2) Cf. Enrico Crispolti, *Il mito della macchina e altri temi futuristi*, s.l., Cleres, 1969.
 (3) Bruno Munari: *Mai contenti*, Milão 1945; *Bruno Munari's ABC*, New York 1960; *Designer e comunicazione visiva. Contributo ad una metodologia didattica*, Bari, Laterza, 1968; *Fantasia* Bari, Laterza, 1977; *Artista e designer*, Bari, Laterza, 1971; *Da cosa nasce cosa: appunti per una metodologia progettuale*, Roma-Bari, Laterza, 1981.
 (4) Cf. as clássicas antologias de Vittorio Gregotti, *Il disegno del prodotto industriale: Italia 1860-1980*, Milão, Electa, 1986, e, Enrico Castelnuovo (org.), *Storia del design italiano 1919-1990: il dominio del design*, Milão, Electa, 1991.



John Hejduk: outras sondagens
 Eduardo Aquino, Canadá
 eaquino@compuserve.com

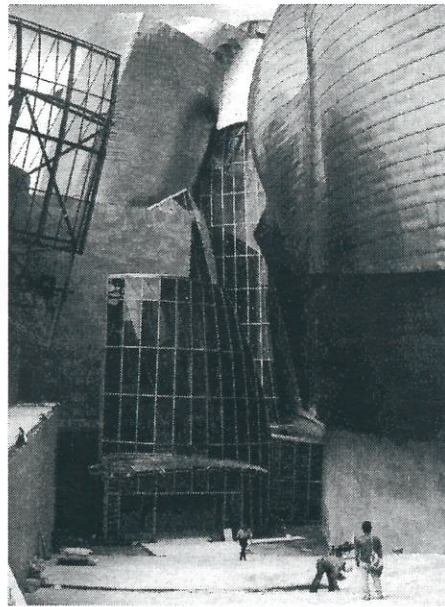


Quando a história da arquitetura deste final século for escrita, com certeza a obra do arquiteto americano John Hejduk vai receber a devida atenção. A presente exposição retrospectiva no Centre Canadien d'Architecture, a primeira a ser realizada sobre o seu trabalho, demonstra claramente porque a obra de Hejduk merece um olhar cauteloso, e no mínimo afinado com a mesma crítica minuciosa em que se dedicou à sua obra. Através de desenhos, croquis, aquarelas, maquetes, objetos e fotos, Hejduk desponta como um arqueólogo do fazer, aonde a prática da arquitetura se apresenta acima de tudo como um gesto poético. A sucinta estratégia de apresentação de um processo criativo complexo é influenciada pela prática do educador, atividade na qual Hejduk se dedicou tão intensamente quanto ao seu próprio trabalho de arquiteto. A exposição nos conduz a uma trajetória interna do pensar do artista, aonde num primeiro momento são apresentados os 'Building Books' (Livros de Construção). Inspirados na obra Adolf Loos, Hejduk articula através de dezenas de aquarelas edifícios imaginários construídos somente no sonho do arquiteto. Através desta série de livro-objetos, Hejduk estabelece um paralelo entre o livro como objeto e o espaço arquitetural: "...o livro é de fato um volume de espaço sólido aonde as nossas imaginações vagam. A massa e o acabamento são feitos de um ar delicioso que circunda e penetra o livro, num movimento constante em direção a uma nova dimensão..." Esta atitude poética permeia todo o processo do arquiteto, que considera o ato da imaginação na arquitetura tão significativa quanto a experiência 'real' de se vivenciar o espaço construído. Hejduk dá vazão ao seu gesto criador a partir da quase-total expressão da representação. Verifica-se que a sua obra construída limita-se somente a um conjunto residencial em Berlim, e a uma série de instalações efêmeras geralmente executadas

O novo Museu Guggenheim em Bilbao

Christopher Whitehead, Itália

num contexto acadêmico, aonde estudantes assumem o papel de colaboradores diretos. O que se percebe ao se visitar esta bela exposição é exatamente a força que tais desenhos e maquetes exercem ao articularem o ideal de um artesão que vive às margens da prática tradicional, reinventando o seu próprio modo de ser, e investindo no desejo profundo de recriar um mundo a partir de uma estrutura subjetiva. Numa época em que confrontamos novas tecnologias e economias de produção, capazes de alterar radicalmente o processo do fazer desde o desenho até a construção, a poética sugerida por John Hejduk significa uma busca a um passado lírico, a recuperação de uma sensibilidade que marcaram a história da arquitetura em outras épocas, mas que nos dias de hoje se vêem em risco de desaparecer. Aqui, o arquiteto vira o alquimista de um universo fantástico, ainda por se inventar, e que só existe mesmo nesta escala pessoal, utilizando-se das possibilidades de ação independentes da economia da cidade. As operações definidas aqui são articuladas simplesmente como motivações ao pensar, respondendo a um instinto criador voraz, a uma obsessão visionária e inesgotável, como aquela que vive somente na alma de um poeta. Os desenhos e maquetes apresentados não são mais do que experimentações constituindo um vocabulário próprio e que se repetem constantemente, criando assim a "linguagem Hejduk". Na série 'The Wall House' (Casa-Parede) fica evidente que, para Hejduk, a modernidade nos deixou como legado lições que merecem uma degustação final, longe de estarem enterradas. Estes exercícios nos levam diretamente a Le Corbusier, nas suas composições volumétricas, nas proporções bem medidas, no contraponto plano/volume/vazio, no uso de cores determinando caracteres distintos, não de acordo com um programa pré-estabelecido, mas segundo uma necessidade pictórica de figura e fundo. Hejduk considera 'The Wall House' a procura de uma 'natureza morta' na arquitetura, uma analogia explícita entre o fazer de um pintor e o fazer do arquiteto. Por mais questionável que seja estabelecer um tal paralelo, Hejduk demonstra que a possibilidade de investigação em arquitetura vai além do sítio, da paisagem e da programática que em geral condicionam o nascimento do projeto. Não somente na série 'The Wall House', mas em toda sua obra, Hejduk não se satisfaz com o caráter exclusivamente formal em que seus projetos podem ser recebidos. Ele os faz habitar com ocupantes imaginários, criando verdadeiros roteiros em que contextualiza e justifica cada elemento presente. Em "Texas House", por exemplo, Hejduk elaborou por dez anos contínuos uma coleção de sete desenhos de execução de uma casa fictícia, utilizando-se de tal projeto para aprender a detalhar e compreender as técnicas de construção clássicas do período moderno. O resultado, apresentado com a minúcia de um Mies van der Rohe, é surpreendente. Mais surpreendente ainda é se saber que tal esforço poético foi motivado somente pelo desejo profundo de aprender.



A construção de novos museus sempre foi uma oportunidade para os arquitetos demonstrarem publicamente seu poder inventivo. Quase que influenciada por obras de arte, a arquitetura do novo museu tem a possibilidade de assumir a identidade da própria obra de arte, propondo composições espaciais, esculturais, de diferentes texturas e cores. Isto já não é permissível no projeto de outros tipos de construções.

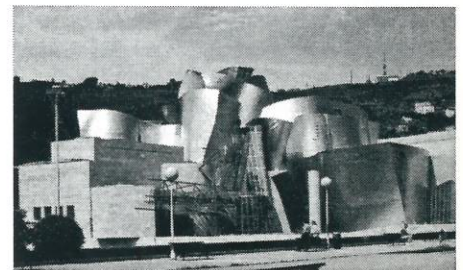
O novo edifício de Frank Gehry para a filial da Fundação Guggenheim em Bilbao não é uma exceção à essa regra, e no momento, está no ápice da crescente concepção de fantasia, caracterizada na prática de edifícios de museu, ao longo dos últimos 20 anos. O novo museu é um símbolo poderoso, pois incorpora e se insere na cultura local, nas predileções artísticas e na dinâmica humanística dos fundadores. Mediante essa situação, já é esperado que os museus estejam numa situação de rivalidade, uns com outros, pela atenção do público. Entretanto, dessa mistura, uma certa linguagem arquitetônica comum emergiu, e com ela, arquitetos especializados em museus, ávidos para criar novidades. Tais arquitetos são naturalmente forçados a estudar as criações contemporâneas de seus rivais, dentro de um sistema de influências recíprocas que não podem ser impostas. Embora Gehry seja indubitavelmente um dos arquitetos de museu mais inteligentes e inovadores trabalhando hoje, o Guggenheim de Bilbao apresenta algumas similaridades formais com Stirling: o Wilford's Neue Staatsgalerie em Stuttgart (1984), no que diz respeito ao uso de paredes de vidro curvilíneas, e com Busmann e Haberer's Wallraf-Richartz Et Ludwig Museum, em Colônia (1986), com relação à ênfase dada às linhas da cobertura e também na criação de uma dinâmica entre museu e estabelecimentos urbanos. Dada a história da fundação Guggenheim, o museu de Gehry tem muito o que representar. Como o

museu de Frank Lloyd Wright em Nova York (1946), o edifício de Bilbao foi concebido como sendo a mais premiada peça de uma coleção de arte, e pretendia simbolizar a entrada da fundação Guggenheim na esfera européia - a perda da imagem de instituição americana.

Na realidade, no final de 1990, antes de Gehry ser escolhido, foi decidido que o edifício do museu deveria ter um valor arquitetônico tal, que provocaria um impacto inquestionável na opinião pública. Ao mesmo tempo, a região Basca, responsável pelos custos do edifício, determinou que a arquitetura de Gehry poderia criar um marco identificador para Bilbao e para a região Basca tão distinto quanto o Centre Pompidou em Paris, a Opera House em Sydney e também seria uma demonstração da livre iniciativa da região Basca, a qual pretende ter um papel ativo no desenvolvimento cultural e comercial da comunidade européia.

Milagrosamente, o edifício de Gehry parece pronto a responder estas questões, ao mesmo tempo que se difere e estabelece um diálogo com o entorno imediato. O exterior é formado em parte por pedra calcária local, porém na sua grande maioria por superfícies envidraçadas e chapas de titânio. Na parte frontal a aparência é a de um conjunto de elegantes naufrágios; enquanto contornos curvilíneos e formas orgânicas (é difícil encontrar uma linha reta no edifício) referem-se a paisagem rural montanhosa que se encontra à distância, a severidades e qualidades reflexivas dos materiais do edifício estão em harmonia com a zona industrial próxima ao rio e a vizinha estrada de ferro. Três grandes galerias abrigam a coleção permanente, enquanto sete galerias de sete dimensões diferentes (porém todas com pé direito entre 6-15m de altura) abrigam trabalhos de artistas vivos. Exposições temporárias ocorrerão numa enorme galeria (30 X 130m) que, desfazendo o limite entre o urbano e o espaço do museu, avança sob a Puente de la Salve, no extremo leste o qual é terminado numa composição com a estrutura de uma torre. O interior se organiza não somente para expor arte mas também para encorajar sua criação, particularmente o espetacular atrio de 50m de comprimento, criado com a intensão de que ali sejam realizadas instalações de arte monumentais. A noção de "espaço neutro" no museu, sempre paradoxal e de certa forma uma falácia, é assim anunciando em favor de uma simbiose orgânica entre o edifício e as obras de arte que ele guarda e gera.

Christopher Whitehead. Scuola Normale Superiore di Pisa. Piazza dei Cavalieri 7, 56100 Pisa (IT) fax 0039 50 563513



Notícias da Bienal em jornal holandês

Paul Meurs e Patrícia Moribe
urbanfab@knoware.nl

O jornal holandês "NRC Handelsblad", em sua edição de 12 de novembro, deu grande destaque à Bienal de Arquitetura, em especial à participação holandesa. O título é "Rietveld em um hangar brasileiro", mas quase toda matéria trata da participação de Jo Coenen, que veio ao Brasil a convite da Bienal, a partir de proposta da revista Ócolum. "A Holanda", diz a jornalista Joke Mat "está bem representada na 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Junto à janelas abertas do 3º andar do prédio da Bienal, projetado por Oscar Niemeyer, os painéis do arquiteto limburguês Jo Coenen balançam lentamente batidos pela brisa da primavera. São panos pendurados com uma seleção de obras do escritório Jo Coenen & Co, com fotografias grandes e textos sintéticos. Mostra entre outros os projetos urbanísticos Vaillantlaan de Haia, Tilburg Centrum Zuid, a ilha KNSM de Amsterdam e o terreno Sphinx Céramique em Maastricht, do qual está exposta uma grande maquete."

"Na área climatizada, no mesmo andar, estão expostas em suportes baixos as cadeiras de Rietveld, alternadas com as maquetes das casas que ele projetou. Trata-se da grande mostra de Rietveld que foi organizada pelo Centraal Museum na cidade de Utrecht, que ocorreu há cinco anos. A obra sóbria de Rietveld se adequa ao ambiente de 'hangar' do prédio da Bienal."

"Como a Bienal de Arquitetura de Veneza, que no ano passado aconteceu pela sexta vez, a versão brasileira é um evento irregular. À primeira veio à luz em 1973; a segunda em 1993. No início deste ano, inesperadamente, juntou-se a verba necessária (US\$ 2,5 milhões) para uma terceira edição. Em tempo recorde organizou-se a mostra, resultando em quinze exposições internacionais e dezoito brasileiras, além de uma 'exposição geral' de 550 projetos do mundo inteiro."

"Jo Coenen, presente na inauguração, foi recebido como convidado de honra. Depois de oito discursos de abertura, o governador Mário Covas dedicou um bom tempo frente à maquete do projeto para o terreno Céramique. Essa área, de 23 hectares, no meio de Maastricht, permaneceu abandonado durante anos após a demolição da fábrica de cerâmica Sphinx. O escritório de Coenen coordena desde 1987 a reurbanização da área. Já foram erguidos habitações, escritórios e o Museu Bonnefanten de Aldo Rossi. A metrópole de São Paulo possui inúmeras áreas abandonadas como esta, para as quais nenhum novo uso foi adotado. Covas queria saber como Coenen consegue coordenar ao mesmo tempo o desenvolvimento e construção de vários prédios concebidos por diversos arquitetos. 'Expliquei-lhe que esse é meu trabalho cotidiano', disse Coenen. Tudo tem sido continuamente avaliado. A maquete muda todos os dias. O objetivo é criar um clima urbano, onde não exista apenas habitação, mas também locais de trabalho, espaços públicos, avenidas principais e secundárias e caminhos exclusivos para pedestres. É necessário obtermos uma mescla de todas as funções possíveis'.

Sincretismos e polifonias na metrópole contemporânea

Edemir de Carvalho
edemir@esplora.it

Movido por uma paixão incontida pelo Brasil, Massimo Canevacci, em seu recente livro lançado no Brasil¹, declara explicitamente seu desejo de propor um método antropológico a partir da experiência brasileira. Parece exagerado? Mas não é! Talvez o exagero fique por conta dos intelectuais que ainda "pensam" o Brasil, precedidos e legitimados pelos intelectuais de outras paragens. A "excessiva" pluralidade cultural brasileira imprime uma dinâmica ao país que dificilmente podemos encontrar situações análogas e é, paradoxalmente, esse exagero cultural brasileiro que pode fazê-lo exemplo dos sincretismos anunciados por ele.. Em seu livro anterior, lançado no Brasil, "A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana", Canevacci, anuncia e deixa São Paulo se anunciar, mergulha e "se perde" na profusão de signos metropolitanos. É exatamente esta cultura metropolitana irrequieta, "macunaíma" e cambiante que tem provocado e estimulado Canevacci a experimentar os sincretismos. Sua reflexão exige um olhar extrapolador e navegante para além dos limites do método antropológico comportado. É uma proposta para quem não deseja repetir o lugar comum e não censure a experiência e a evasão no interior dos novos signos metropolitanos, ou melhor, da cultura metropolitana. O vertiginoso cenário metropolitano da Grande São Paulo é uma referência sempre frutífera ao seu método. Não é por mera casualidade a elaboração de idéias tão presentes no cotidiano brasileiro, a exemplo do sincretismo e de conceitos "flexíveis", "mobiles". Para além do sincretismo religioso brasileiro, Canevacci, sem abandonar a dialética, reapresenta-a sincrética e dialógica, denominando-a "dialética suja". Canevacci adentra a metrópole contemporânea dialogando ou comunicando com a pluralidade de vozes rumorosas que preenchem os espaços e assumem seus lugares nos hibridismos ou sincretismos metropolitanos. Sua proposta não caminha verso a homogeneização, como pode sugerir esta coexistência plural, mas tem como desafio a "construção" de novos códigos interpretativos. É um método ainda em construção, mas pleno de pesadas discussões, apenas iniciadas: a dialética sincrética e dialógica, a apreensão da pluralidade multicultural e, consequentemente, dos sujeitos (a pluralidade do "eu"). Sem dúvida, Canevacci aponta para questões essenciais na interpretação da metrópole, especialmente no que se refere à mutação, ao movimento (velocidade) e ao pluralismo. Seu método é uma tarefa difícil, desafiadora e viceralmente polêmica. Concordando ou não, os "ingredientes" da globalização, dos sincretismos e hibridismos estão evidentes e transparentes no nosso cotidiano. O impossível é desconsiderá-lo.

¹ "Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais", Editora Studio Nobel / Instituto Cultural Italo Brasileiro-Instituto Italiano di Cultura, 1996

Edemir de Carvalho é professor de Sociologia da UNESP/Campus de Marília. Atualmente bolsista CAPES, na Itália

Acontece

Programação do Fórum de Debates da 3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

20 nov Debate (15h30) "Informação, posição, reflexão". Alfonso Corona Martinez, Sophia Telles, Hugo Segawa e Antonio Carlos Sant'Anna (moderador). Debate (17h30) "Para quem? O papel didático". Iñaki Ábalos (Exit, Espanha), Vicente Del Rio (UFRJ), Carlos E. Comas (UFRGS) e Abilio Guerra (Ócolum, moderador) Conferência (19h30) "Sobre a prática de uma arquitetura crítica", Iñaki Ábalos

21 nov Debate (15h30) "Arquitetura no mercado global". Katherine McInnes, Paulo Markum, Arlindo Munjioli e Gianfranco Vannucci (moderador). Debate (17h30) "Novos territórios na mídia". Mercedes Sans, Júlio Moreno e Ole Bouman; Matinas Susuki e Paulo Casé (moderadores) Conferência (19h30) "Rem Koolhaas: entre a percepção poética e a fantasia setenciosa", William Saunders

22 nov Debate (14h30) Concurso "Eu amo São Paulo". Membros do júri. Festa (19h)

24 nov Palestra (17h) "Produção brasileira contemporânea". Abrahão Sanovicz. Debate (18h30) "O Plano Diretor de São Paulo". Heloisa Proença, Raquel Rolnik e Luiz Carlos Costa Debate (20h) "Energia, tecnologia e urbanismo", Emerson Kapaz, David Zylberstajn e Jorge Wilhelm

25 nov Debate (17h) "Mestres da arquitetura brasileira: Oswaldo Bratke". Hugo Segawa, Guilherme Mazza Dourado e Mônica J. de Azevedo. Debate (18h30) "Metrópole: centro e periferia". Regina Meyer, Erminia Maricato e Ricardo Marques de Azevedo Conferência (20h) José Maria Botey

26 nov Palestra (17h) "Produção brasileira contemporânea". Gustavo Penna. Palestra (18h30) "A cidade e a preservação do patrimônio". Hubert-Jan Henket (presidente Docomomo) Palestra (20h) Peter Reed (diretor do MoMA)

27 nov Debate (17h) "Globalização e arquitetura". Jorge Farelo Pinto, Anne-Marie Sumner e Manuel Coelho. Debate (18h30) "Natureza e desenho ambiental". Rosa Kliass, Maria A. Franco e Benedito Abbud Palestra (20h) Henrique Browne

28 nov Palestra (17h) Joaquim Guedes. Debate (18h30) "Globalização e arquitetura". Edson Musa, Marinha Mascheroni e Miguel Pereira. Debate (20h) "Música e espaço" Anna Maria Kieffer, Conrado Silva, Eduardo de Almeida, José Augusto Mannes, Marília S. Almeida, Rodolfo Coelho e Vanderlei Lucentini

29 nov Debate (14h30) "Concurso Internacional de Escolas de Arquitetura". Telésforo Cristofani, Mário Figueroa e membros do Júri de Premiação. Debate (17h) "Acessibilidade ao meio físico". Verônica Camisã, Silvana Serafino e José de Almeida Palestra (18h30) Ernest Scoffham Premiação (20h) Concurso das Escolas de Arquitetura